



UCRÂNIA

Alta tensão entre Europa e Rússia

Moscou classifica como ameaça a "retórica nuclear" da França, compara o presidente Emmanuel Macron a Adolf Hitler e se nega a participar de corrida bélica. União Europeia apoia plano trilionário para rearmamento do bloco

» RODRIGO CRAVEIRO

Nicolas Tucet/AFP



Volodymyr Zelensky (C) conversa com Antonio Costa e Ursula von der Leyen, presidentes do Conselho Europeu e da Comissão Europeia

Depois de o presidente da França, Emmanuel Macron, propor o uso do arsenal nuclear de seu país para proteger a Europa, os países da União Europeia (UE) respaldaram um plano de rearmamento de reforço da defesa do bloco, durante cúpula extraordinária realizada em Bruxelas. A Rússia reagiu e afirmou que não tem intenção de participar de uma corrida armamentista. "Eles não vão nos vencer, porque não nos envolveremos com eles. Vamos nos concentrar em nossos próprios assuntos e proteger nossos próprios interesses", declarou Dmitry Peskov, porta-voz do Kremlin.

Por sua vez, o presidente russo, Vladimir Putin, criticou indiretamente Macron, ao lamentar a existência de "pessoas que querem retornar aos tempos de Napoleão Bonaparte, esquecendo como tudo terminou". Em 1812, as tropas do imperador francês invadiram o Império Russo e tomaram Moscou; no entanto, viram-se obrigadas a uma retirada desastrosa.

O ministro das Relações Exteriores, Serguei Lavrov, comparou Macron ao líder nazista Adolf Hitler. "Ao contrário de seus antecessores, que também buscavam lutar contra a Rússia — Napoleão e Hitler —, o sr. Macron não age muito diplomaticamente. Eles (Napoleão e Hitler) declaravam abertamente: 'Nós devemos conquistar e derrotar a Rússia'. Aparentemente, ele quer a mesma coisa, mas, por alguma razão, diz ser necessário lutar contra a Rússia para que ele não derrote a França", disse. "Com relação a essas acusações, francamente falando, irracionais, de que a Rússia prepara uma guerra contra a Europa e a França, Putin repetidamente chamou tais pensamentos de absurdos e sem sentido."

Segundo Lavrov, as palavras de Macron sobre o uso de armas nucleares são "uma ameaça à Rússia". "Se ele nos vê como uma ameaça, e diz que é necessário (...) preparar o uso de armas nucleares contra a Rússia, é claro

que é uma ameaça." Ele alertou que o envio de soldados europeus para a Ucrânia configuraria uma "guerra direta" com a Rússia. "Consideraremos a presença dessas tropas (europeias) em território ucraniano da mesma forma que vemos uma potencial presença da Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte) na Ucrânia. Isso significaria não um envolvimento supostamente híbrido, mas direto, oficial e não disfarçado de países da Otan em uma guerra contra a Federação Russa", afirmou.

Ao fim da cúpula, Macron fez um pronunciamento no qual acusou Putin de "revisonista" e de "imperialista". O francês também sublinhou que "a Rússia representa uma ameaça existencial a longo prazo para a Europa". "O que está em jogo na Ucrânia é a soberania deste país, mas também a segurança de todos nós."

"Momento decisivo"

Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia, considera que "a Europa e a Ucrânia estão diante de um momento decisivo". "Temos que colocar a Ucrânia em posição de se defender sozinha", destacou. Para se rearmar, a UE poderá gastar até 800 trilhões de euros (cerca de R\$ 4,97 trilhões), sem cronograma definido. Por meio da rede social X, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, contou que debateu com os líderes europeus "o fortalecimento das capacidades de defesa da Ucrânia e de toda a Europa". Ao discursar em Bruxelas, o líder ucraniano fez questão de agradecer o apoio europeu. "Estamos muito agradecidos porque não estamos sozinhos", disse Zelensky.

Na opinião de Petro Burkovsky, analista da Fundação

de Iniciativas Democráticas Ilko Kucheriv (em Kiev), a reação de Moscou à proposta de Macron de estender o guarda-chuva nuclear a outros países europeus é uma tentativa de intimidar a França. "Quanto à ameaça contra o envio de tropas, vejo como um sinal de alerta e o desejo de impor condições antes de negociações sérias para um acordo de paz", explicou ao **Correio**. "É possível que o Kremlin queira influenciar Trump sobre o que é aceitável ou não em um pacto de trégua."

Burkovsky classifica como "clara" a estratégia de rearmamento. "A Suécia iniciou a reorganização de seu exército em 2014. O mesmo ocorreu com a Finlândia. A Polônia começou em 2022. A França e o Reino Unido aprenderam com a guerra moderna na Ucrânia. Perceberam que precisam reduzir os

arsenais e munições e desenvolver tecnologias defensivas e ofensivas", afirmou o especialista. "Estamos no início de uma corrida armamentista na Europa. Pelo menos esses países serão capazes de defender a própria soberania."

Professor de política comparada da Universidade de Kyiv-Mohyla, Olexiy Haran disse à reportagem que Putin dissemina a propaganda de que Zelensky não se interessaria pela paz e acusou o americano Donald Trump de pretender vender a Ucrânia para a Rússia. "Putin deseja transformar a Ucrânia em marionete, antes de capturar o território", alertou.

De acordo com Haran, "os europeus sentem-se inseguros ante a política imprevisível de Trump". "Se a Rússia atacar qualquer nação europeia, quem os EUA ajudarão?". O estudioso crê que a

Eu acho...

Carlos Vieira/CB



"Creio que a última coisa que a Rússia deseja é se expor a uma retaliação nuclear. O alinhamento de poderes nucleares, como o Reino Unido e a França, com a Ucrânia é mais do que suficiente para conter a ameaça atômica de Moscou. Sob esse ponto de vista, a vasta maioria dos países europeus estaria disposta a fazer uma aliança contra Putin, em vez de tentar comprar uma proposta de paz feita pelo Kremlin."

Petro Burkovsky, analista da Fundação de Iniciativas Democráticas Ilko Kucheriv (em Kiev)

Arquivo pessoal



Putin dissemina a propaganda de que Zelensky não se interessaria pela paz. No entanto, a paz às custas de concessões territoriais foi o que levou à Segunda Guerra Mundial. Isso significaria uma capitulação de Kiev ante Moscou. Até o momento, Putin não fez qualquer concessão. Ele continua a bombardear civis, todos os dias e todas as noites. A solução para o fim da guerra passa pela negociação, mas não em uma situação de fragilidade."

Olexiy Haran, professor de política comparada da Universidade de Kyiv-Mohyla

proposta de Macron visa apoiar a Ucrânia e a Europa ante o perigo de um ataque de Moscou. "Não sabemos como as forças nucleares da França serão usadas. Há uma nova posição: os países europeus não precisam temer Putin." Haran vê duas possibilidades para a Europa: não se alinhar em torno de um acordo de paz, ainda que isso leve a uma nova guerra, ou investir na segurança do continente.

IGREJA CATÓLICA

Com voz cansada, papa agradece orações

O papa Francisco agradeceu "de todo coração" as orações pela sua saúde que têm ocorrido todas as noites desde 24 de fevereiro na Praça de São Pedro, na Cidade do Vaticano, em uma mensagem de áudio com voz cansada e entrecortada. "Agradeço de todo o coração pelas suas orações pela minha saúde desde a praça, acompanho vocês daqui. Que Deus os abençoe e que a Virgem os cuide. Obrigado", diz a curta mensagem divulgada no começo do Rosário.

A mensagem de 27 segundos, gravada ontem, representa a primeira vez que o mundo ouve a voz do líder espiritual de 1,4 bilhão de católicos desde sua hospitalização

na clínica Gemelli, em Roma, em 14 de fevereiro. Em uma noite fria do final do inverno boreal, os fiéis e cardeais reunidos na Praça de São Pedro acolheram com aplausos a mensagem, na qual se ouve a respiração do pontífice.

O jesuíta argentino de 88 anos está hospitalizado há três semanas devido a uma bronquite, que resultou em dupla pneumonia. Desde então, Francisco não fez nenhuma aparição pública nem foram divulgadas imagens suas. Em mensagem escrita no domingo, por ocasião do Angelus, do qual se ausentou pela terceira semana consecutiva, o "Santo Padre" agradeceu aos fiéis pelas orações.

Andreas Solaro/AFP



Mulher reza diante da estátua de João Paulo II, no hospital Gemelli

Ao completar 21 dias desde sua hospitalização, o estado de saúde do papa permaneceu "estável" e sem novas crises respiratórias desde segunda-feira, informou o Vaticano. "As condições clínicas do Santo Padre se mantiveram estáveis em relação aos dias anteriores", informou no boletim médico que envia todas as noites desde sua internação no hospital Gemelli. O pontífice "também não apresentou episódios de insuficiência respiratória" nem febre, segundo o último boletim, que



Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e ouça o áudio do papa Francisco

ressalta, no entanto, que "os médicos ainda mantêm o prognóstico reservado".

O pontífice passou o dia de ontem alternando descanso, oração e algo de trabalho, juntamente com fisioterapia respiratória e motora, acrescentou o Vaticano. Francisco, que nos últimos tempos descartou a ideia de renunciar ao cargo — como fez seu predecessor Bento XVI, em 2013 —, se ausentou na quarta-feira da principal missa de imposição de Cinzas, que marca o início da Quaresma.